ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

CONDIÇÕES DE PRODUÇÕES DE TEXTOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CLASSE DE CBA DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO BÁSICO 6 DE AGOSTO

ELAINE GOMES ANTUNES

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº. 5921
Data 26/01/00

PONTES E LACERDA, NOVEMBRO DE 1999

Turma- 1999/2

Ex. 01

ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

LEITURA DE MUNDO, SUPORTE PARA ESCRITA FORMAL

Ensaio Monográfico apresentado
para graduação do curso de Letras,
Licenciatura em Língua Portuguesa,
Língua Inglesa e Literaturas.
Orientadora : Shirlei Aparecida de
Fátima Gaspar Maschio.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Dedico a,

Deus, meu fiel e justo companheiro que nas horas de desânimo me fortaleceu e me fez vencer, pois "Posso todas as coisas naquele que me fortalece". Fp. 4:13

Minha Mãe que é uma excelente pessoa, uma mulher que mesmo só lutou para oferecer o melhor a mim, transmitindo sempre o seu amor e carinho.

Meus Irmãos que me estenderam os braços humanamente, fazendo fluir a grande união entre nós.

Meu Pai que mesmo distante me incentivou a continuar para vencer entre muitos que lutam.

Meu Esposo que pacientemente me entendeu e ajudou nos momentos difíceis juntamente com minha família.

Amigos que me proporcionaram momentos de descontração e alegria.

Professores, especialmente minha orientadora Shirlei Aparecida de Fátima Gaspar Maschio que me encorajava nesta caminhada árdua.

"Temos diferentes dons,
segundo a graça que
nos é dada ... se é
ensinar haja dedicação
ao ensino."
Rm. 12: 6 a,7 b

SUMÁRIO

1 – Apresentação	06
2 – Fundamentação Teórica	08
3 – Análise dos Dados	23
4 – Conclusão	30
5 – Anexos	31
6 – Bibliografia	41

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
BIBLIOTECA

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho buscamos analisar a leitura de mundo, como suporte para escrita formal, baseando-se na Análise do Discurso (AD) que começa a ter importância no momento em que o sujeito concebe o seu discurso como ação, levando em conta a história, os sentidos, a ideologia, o interdiscurso e a formação discursiva .

O sujeito para a AD é um conceito teórico e não empírico, ou seja, representa lugares que podem ser ocupados ideologicamente na sociedade, pois o sujeito dilui-se na história. Já o discurso para a AD é o efeito de sentidos polissêmicos e/ou parafrásticos, por isso as palavras constituem-se de sentidos a partir dos lugares ideológicos que são produzidas e na relação com outras palavras da formação discursiva. E são esses conceitos que estudamos na construção do texto, como unidade que se constitui através da leitura de mundo do sujeito.

O aluno foi considerado como o sujeito, assim como o texto produzido pelo mesmo foi apreciado como seu discurso .

Esse tema foi escolhido porque no momento que o aluno lê e escreve seu texto é ao mesmo tempo sujeito do que lê e escreve. Nesse contexto é preciso destacar o enfoque da leitura de mundo como suporte para a produção de texto, que mesmo não cumprindo as regras da escrita

formal, nos permite conhecer seu discurso, discurso esse que reflete a sua história, sua ideologia e a sua formação discursiva.

Apresentamos também um panorama sobre a coerência, coesão e fatores que estabelecem a coerência. E esperamos que este venha lhe ajudar também.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

" ... Numa relação não autoritária
e numa prática pedagógica que
se fundamenta no diálogo, na
liberdade e no respeito à criança,
há condições favoráveis de se
estabelecer a interação e, com isso,
de deixar fluir os mais variados
efeitos de sentidos."
(Costa, 1993) 1

A princípio podemos compreender que no texto supracitado, há uma censura da prática pedagógica tradicional que está constituída historicamente, pois nos remete a prática pedagógica enquanto instituição social, aparelho ideológico do estado, ou seja, no contexto tradicional da escola há limites para a interação do aluno. Mas essa interação não se origina de pressões, e sim do íntimo do aluno, então o diálogo, a liberdade e o respeito à criança são condições favoráveis de se estabelecer a interação. Sendo a criança um ser em descobertas, com seus posicionamentos a partir da sua leitura de mundo e do seu lugar histórico certamente fluirão os "efeitos de sentidos" dentro dos limites estabelecidos por ela própria, ocorrendo assim a sua interação com o meio social.

1 – **COSTA,** Rita de Cássia Maia e Silva. A Leitura na sala de aula: o velho e o novo em conflito. In.: Leitura: Teoria e Pratica. Campinas, 12 (22): 1993. p. 44

E o que são esses efeitos de sentidos ?

"Na produção da linguagem, o que temos não é transmissão de Informação mas efeitos de sentido entre locutores". (Pêcheux, 1969).[2] Desse modo, "A noção de efeito supõe, entre outras coisas, a relação de interlocução na construção de sentidos. Sem esquecer que os sentidos não são propriedades privadas: nem do autor nem do leitor. Tampouco derivam da intenção e consciência dos interlocutores. São efeitos da troca de linguagem. Que não nascem nem se extinguem no momento em que se fala." (Orlandi, 1996) [3] Essa concepção fundamenta-se nos princípios da teoria da Análise do Discurso (AD), linha francesa, cuja teoria lingüística é filiada ao materialismo histórico, que concebe as condições de produção do sujeito e dos sentidos determinados e construídos sócio-históricamente.

A AD toma alguns conceitos básicos para a transformação de seus dispositivos teóricos como a noção do discurso, sujeito, ideologia e historicidade, sobre o que discorreremos a seguir.

"O discurso é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é lingüística." (Orlandi,1996)[4] Desta forma, a linguagem e sociedade se constrói mútua e historicamente. O discurso não é um lugar de trocas enunciativas em que a história pode inscrever-se,

2 – **ap. ORLANDI**, Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura . 3. Ed. SP: Cortez, Campinas, Editora da UNICAMP, 1996. p.103
3 – **idem.**
4 – **idem. p. 17**

por isso é que o discurso é o espaço da reprodução do conflito ou da heterogeneidade. Essas trocas entre discursos dão a particularidade que constitui todo o discurso, ou seja, um discurso se reproduz com o trabalho sobre outros discursos.

Sendo assim, a AD concebe uma tipologia de discurso: o discurso autoritário, o lúdico e o polêmico, que são desenvolvidos por Eni Orlandi. O tipo autoritário é o que tende para a paráfrase , o discurso lúdico tende para a total polissemia, já o discurso polêmico apresenta um equilíbrio tenso entre polissemia e paráfrase. Segundo a teoria AD o discurso é o efeito de sentidos polissêmicos e/ou parafrásticos. "O processo parafrástico é o que permite a produção do mesmo sentido sob várias de suas formas (matriz da linguagem). O processo polissêmico é o responsável pelo fato de que são sempre possíveis Sentidos diferentes, múltiplos (fonte da linguagem)." (Orlandi,1996)[5] Podemos concluir assim que as palavras constituem-se de sentidos a partir da história do (sujeito).

0 sujeito para AD é um conceito teórico que dilui-se na história, pois filia seu dizer repetível (no interdiscurso) sendo interpretável dentro da história com a ilusão de que ele é a fonte de seu dizer quando na verdade seu dizer nasce em outros. "Em outros termos, podemos dizer que no nível da formulação, o sujeito já tem sua posição determinada e ele já está sob o efeito da ilusão subjetiva, funcionando ao nível imaginário,

5 – **ORLANDI,** Eni Pulcinelli Discurso e Leitura.3. Ed_. SP : Cortez, Campinas, Editora da UNICAMP, 1996. p. 20

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

afetado pela vontade da verdade, pelas suas intenções, pelas evidências do sentido e pela ilusão referencial (a da lateralidade)". (Orlandi, 1996)[6]. Dessa forma, o sujeito não é dono do seu discurso, ele constituído pela história ao constituí-la.

Entre os conceitos que a AD desenvolve é importante para nós o conceito de história . A história é processo de constituição do sujeito e do sentido. Os sentidos são concebidos historicamente e "... procura apresentar a partir da consideração de que a significação é histórica, não no sentido temporal historiográfico, mas no sentido de que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência". (Guimarães , 1995)[7] e esta relação passa a ser entendida como constitutiva.

O último conceito a ser apresentado aqui é o da ideologia, que para a AD é materializada na linguagem. No momento em que o sujeito se posiciona lança mão do seu lugar ideológico, configurando-se ideologicamente. Por isso a ideologia só existe para/no sujeito por que não são feitos de idéias, mas de práticas, " só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito - só há prática através de e sob uma ideologia (...) a ideologia não possui um exterior". (Althusser, 1987)[8].

6- **ORLANDI,** Eni Pulcinelli. Interpretação ,Autoria, Leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 50

7- **GUIMARÃES,** Eduardo. Os limites do sentido. Ed. Pontes. Campinas , SP, 199 5. p.66.

8- **ap. GALLO,** Solange Leda. Discurso da Escrita e Ensino. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992 p.21.

A AD assume a posição de que deve pensar um objeto ao mesmo tempo social e histórico, em que se confrontam sujeito e discurso " não há sentido sem interpretação, e a interpretação é um excelente observatório para se trabalhar a relação historicamente determinada do sujeito com os sentidos, em um processo em que intervém o imaginário e que se desenvolve em determinadas situações sociais." (Orlandi, 1996)[9].

Nessa análise, o aluno é entendido como sujeito, assim como o texto produzido pelo mesmo é apreciado como o seu discurso.

Na construção do texto no momento que o aluno lê e escreve o seu é ao mesmo tempo sujeito do que lê e escreve tendo a sua leitura de mundo como suporte para produzí-lo.

"O texto é um objeto histórico. Histórico aí não tem o sentido de ser o texto um documento, mas discurso."(Orlandi, 1996)[10], assim "...um texto ... como discurso, reinstala-se imediatamente sua incompletude. Dito de outra forma, o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada ... pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer)." (Orlandi, 1996)[11].

---

9 - **ORLANDI,** Eni Pulcinelli. Interpretação, Autoria, Leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p.147.
10- **idem.** p.53
11- **idem.** p.54

Um texto é heterogêneo e representa a formação discursiva do seu autor, no entanto, o sujeito/autor tem um vínculo com outras formações discursivas que produzem novos efeitos de sentidos que denominamos de historicidade do texto. Portanto, "um sujeito não produz só um discurso."(Orlandi, 1996)[12]. Assim o aluno produz a partir da sua realidade, ou seja, o seu lugar ideológico, mesmo não cumprindo as regras da escrita formal, nos permite conhecer seu discurso , discurso esse que reflete a sua história , sua ideologia e a sua formação discursiva.

Até agora temos visto e falado sobre o texto, mas afinal o que é um texto? E para respondermos esta pergunta recorreremos a autora Ingedore Villaça Koch, que expõe uma retrospectiva dos variados conceitos que o texto passou desde os primeiros estudos até os nossos dias e no decorrer das citações a seguir teceremos comentários.

> Assim, o texto "... desde as origens da Lingüística do Texto... Em primeiro momento, foi concebido como:
> a – unidade lingüistica (do sistema) superior à frase;
> b – sucessão ou combinação de frases ;
> c – cadeia de pronominalizações ininterruptas;
> d – cadeia de isotopias;
> e – complexo de proposições semânticas."(Koch, 1998)[13]

Diante da citação acima vimos que o texto além de ser uma seqüência de frases é uma unidade concreta cheia de significado com ligações contínuas e vários aspectos de orações com sentidos e combinações dentro do processo comunicativo. Onde há capacidade de compreender a intenção e construir o sentido do texto.

---

12 - **ORLANDI,** Eni Pulcinelli. Interpretação, Autoria, Leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes,

13 – **KOCH,** Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos . 2 . Ed., SP: Contexto, 1998. (Caminhos da Lingüística)p.21

"Já no interior de orientações de natureza pragmática, o texto passou a ser encarado:

a – pelas teorias acionais, como uma seqüência de atos de fala;

b – pelas vertentes cognitivas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; e

c – pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade verbal, como parte de atividades mais globais de comunicações, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo global.

Desta forma, o texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada (produto), passando a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção." (Koch, 1998) 14

Cabe lembrar que a criança quando chega a escola já é um falante e consequentemente há o contato com a escrita, que passa a ser um dos meios de exprimir o seu conhecimento de mundo a partir dos rótulos, comunicando- se parcialmente. Mas, consideremos outra citação da autora Ingedore Villaça Koch (que é continuação das citações supracitadas) que se segue:

"Combinando estes últimos pontos de vista , o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana , e que são postos em ação em situações concretas de interação social. Defende-se , portanto, a posição de que:

a – a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos;

b – trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação, e a escolha de meios adequados á realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto e produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal;

c – é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas se acham envolvidos na atividade de produção textual.

Desta perspectiva, então, podemos dizer, numa primeira aproximação, que textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza ." (Koch, 1998). 15

14– **KOCH,** Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos . 2 . Ed., SP: Contexto, 1998. (Caminhos da Lingüística)p.21

15 -**idem.** p.22

Nestas colocações acima, observa-se, que o texto como atividade verbal possui um planejamento específico visando a interação social respeitando normas culturais, para se construir socialmente na realidade não fugindo da intenção do autor que organiza, formula a partir das suas referências claras e ocultas.

Todas estas características do texto nos mostra que a exterioridade do texto é um pequeno sinal comparado aos sentidos que estão ocultos na interioridade do mesmo, fazendo-se necessário penetrar muito adentro do texto para descobrir os sentidos implícitos deste. Pois, quando ocorre a produção do texto o autor o constrói a partir do seu conhecimento lingüístico, do conhecimento de mundo, do conhecimento partilhado, inferências, fatores de contextualização, situacionalidade, informatividade, focalização, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade e relevância, que falaremos a seguir.

No conhecimento lingüístico é preciso que se conheça e saiba usar os elementos lingüísticos no momento da organização do texto, elementos esses que são conectivos entre frases/orações que dão continuidade nos sentidos do texto, auxiliando deste modo para o estabelecimento da coerência. "Embora não seja possível apreender o sentido de um texto com base apenas nas palavras que o compõem e na estruturação sintática, é indiscutível a importância dos elementos lingüísticos do texto para o estabelecimento da coerência." (Koch e Travaglia, 1997)[16]

16 – **KOCH**, Ingedore Villaça e Travaglia, Luíz Carlos . A Coerência Textual. 8. Ed. – SP: Contexto, 1997. – (Repensando a Língua Portuguesa). p. 59

A integração do conhecimento lingüístico como conhecimento de mundo completa a parte de interpretação do texto, pois teremos dificuldade de interpretar um texto que fala de coisas desconhecidas, ou seja, que não faz parte do nosso conhecimento de mundo, então não ocorrerá coerência neste texto. Tudo que nos envolve como visão de mundo contribuirá para a melhoria da nossa capacidade de interpretação, inclusive em termos de linguagem. "É a partir dos conhecimentos que temos que vamos construir um modelo do mundo representado em cada texto – é o mundo textual. Tal mundo, é claro, nunca vai ser uma cópia fiel do mundo real, já que o produtor do texto recria o mundo sobre uma dada ótica ou ponto de vista, dependendo de seus objetivos, crenças, convicções e propósitos ..." (Koch e Travaglia, 1997) [17]

Além desses conhecimentos citados notamos a importância do conhecimento partilhado, em que é preciso que o autor e leitor tenham conhecimentos de mundos semelhantes, para que haja estabilidade entre informação antiga e informação recente que são apresentadas no texto, tornando assim o texto mais coerente. "Os elementos textuais que remetem ao conhecimento partilhado entre os interlocutores constitui a informação "velha" ou dada, ao passo que tudo aquilo que for introduzido a partir dela constituirá a informação nova traduzida pelo texto. Para que um texto seja coerente, é preciso haver equilíbrio entre a informação nova trazida pelo texto." (Koch e Travaglia, 1997) [18]

---

17 - **KOCH**, Ingedore Villaça e Travaglia, Luíz Carlos. A Coerência Textual. 8. Ed. – SP: Contexto, 1997. – (Repensando a Língua Portuguesa). p. 63

18 – **idem.** p.64

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Nos últimos parágrafos acima conhecemos alguns fatores que contribuem para o estabelecimento da coerência de um texto, mas que não dependem só destes fatores, há também as inferências, que são relações que acontecem entre duas idéias de um texto, ou seja, o complemento, a idéia ou algo mais que explica e estabelece relações que possibilitam a interpretação necessária e possível. "Inferência é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar. "(Koch e Travaglia, 1997)[19]

"Os fatores de contextualização são aqueles que "ancoram" o texto de uma situação comunicativa determinada." (Koch e Travaglia, 1997) [20] Quando queremos falar devemos observar se o uso desta fala está ocorrendo do modo certo e no lugar certo, pois o uso incorreto desta poderá nos colocar em situações difíceis. Assim também ocorre com a estrutura de um texto que sem seus elementos de apoio ficará difícil a compreensão da mensagem, ocorrendo assim a incoerência.

É preciso lembrar porém que a contextualização tem uma relação com a situacionalidade que é o conjunto de fatores que determinam se um texto é ou não coerente. Neste caso temos que levar em conta informações

19 – **KOCH,** Ingedore Villaça e Travaglia, Luíz Carlos . A Coerência Textual. 8. Ed. – SP: Contexto, 1997- (Repensando a Língua Portuguesa). p.65

20 – **idem** . p. 67

situacionais sobre o contexto social com objetivo de que ocorra a compreensão, pois um texto pode ser entendido ou não de acordo com a situação, devendo assim ser ajustados à mesma. "Um texto que é coerente em dada situação pode não sê-lo em outra: daí a importância da adequação do texto à situação comunicativa". (Koch e Travaglia, 1997)[21]

Quando lemos um texto previmos um nível de informação deste, se a informação for o que realmente esperamos o nível de informação é baixa, porque não foi preciso um esforço maior para compreensão do texto, todavia o texto não deve ser demasiadamente informativo, logo deverá conter uma estabilização de informação que desenvolva a capacidade de interpretação. "Outro fator que interfere na construção da coerência é a informatividade, que diz respeito ao grau de previsibilidade (ou expectabilidade) da informação contida no texto." (Kock e Travaglia, 1997) [22]

A focalização tem papel importante na produção e compreensão do texto , a primeira ocorre quando focalizamos a nossa escrita para o que já conhecemos . E para que ocorra a interpretação será necessário recorrermos ao conhecimento partilhado e conhecimento de mundo e ambos agirão como se estivessem focalizados semelhantemente "A focalização tem a ver com a concentração dos usuários (produtor e receptor) em apenas uma parte do

21 – **KOCH,** Ingedore Villaça e Travaglia Luiz Carlos . A Coerência Textual. 8. Ed. – SP : Contexto, 1997 – (Repensando a Língua Portuguesa). p. 70

22 – **idem .** pp. 70 e 71

seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo textual." (Koch e Travaglia, 1997) [23]

Quanto mais lemos mais percebemos que melhoramos na produção textual, isto é o que chamamos de intertextualidade, ou seja, para produzirmos e compreendermos dependemos do conhecimento de outros textos, que direta ou indiretamente influenciam no conhecimento de mundo, nas condições de produção, na estrutura e recursos lingüisticos. "Outro importante fator de coerência é a intertextualidade, na medida em que, para o processamento cognitivo (produçã0/recepção) de um texto recorre-se ao conhecimento prévio de outros textos." (Koch e Travaglia, 1997)[24]

Para que se construa texto é necessário que haja a intencionalidade, ou seja, é preciso que o autor tenha a intenção de apresentar algo e o leitor o de aceitar, produzindo assim uma produção textual coesiva e coerente. "...A intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados. É por esta razão que o emissor procura, de modo geral, construir seu texto de modo coerente e dar pistas ao receptor que lhe permitam construir o sentido desejado ... A aceitabilidade constitui a contraparte da intencionalidade ..." (Koch e Travaglia , 1997) [25] e ainda na aceitabilidade ressalta-se que o receptor só aceita algo de utilidade e relevância.

23 – **KOCH,** Ingedore Villaça e Travaglia, Luiz Carlos . A Coerência Textual. 8. Ed. – SP : Contexto, 1997 - (Repensando a Língua Portuguesa) p. 72
24 – **idem.** p. 75
25 – **idem.** pp. 79 e 80

Para que um texto tenha relevância ele deverá ter consistência, firmeza e seqüência nos enunciados argumentados que focalizam, mas também devem ser interpretados como um todo. "O requisito da relevância exige que o conjunto de enunciados que compõem o texto seja relevante para um mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema." (Koch e Travaglia, 1997) [26]

Falamos de alguns aspectos que contribuem para a produção textual e durante estes comentários vimos a palavra coerência varias vezes, portanto vale lembrar que além destes aspectos contribuírem para a produção textual eles são fatores de coerência . " A coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos" (Koch 1998) [27] logo, a coerência é uma ligação de um conjunto de idéias ou fatos formando um todo lógico e apesar disso a coerência tem o auxílio da coesão para se obter um texto coerente.

A coesão ajuda na aproximação dos enunciados em que ocorrerá a coerência. "Podemos conceituar a coesão como fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também lingüísticos, formando seqüências veiculadoras de sentidos." (Koch , 1998) [28]

---

26 – **KOCH,** Ingedore Villaça e Travaglia, Luiz Carlos . A Coerência Textual. 8. Ed. - SP : Contexto , 1997 - (Repensando a Língua Portuguesa) p. 81

27 – **KOCH,** Ingedore Villaça. O Texto e a Construção dos Sentidos. 2 . Ed . , SP : Contexto , 1998 - (Caminhos da Lingüística) p. 41

28 – **idem.** p. 35

Nos diferentes enunciados a coesão está presente aparecendo na ordem do texto como eixo de ligação entre orações, períodos, estruturas lingüísticas e sentidos das unidades lingüísticas e suas combinações, ajudando assim a estabelecer a coerência na interpretação. Mas a coerência surge a partir do encadeamento lingüístico que forma o texto, sendo uma sucessão de sentidos percebíveis no mesmo (texto).

A coesão é uma organização seqüencial do texto, entretanto, mesmo a coesão auxiliando para fixação da coerência, não significa que não haja texto sem coesão e com coerência. Desta maneira é louvável que se dê valor a coesão, pois o mau uso dos elementos lingüísticos de coesão podem deixar o texto incoerente. Portanto havendo interpretação do texto seja ela qual for, o objetivo do autor foi alcançado.

O sujeito/aluno ao chegar na escola mesmo sem conhecer as normas gramaticais da língua culta produz textos e muitos textos não possuem os eixos de ligação entre elementos gramaticais/lingüísticos e são considerados incoerentes aos olhos desses elementos, todavia para o sujeito/aluno tem sentidos, por isso a coesão nem sempre é garantia de se obter um texto coerente.

Quando o sujeito/aluno vem para escola, já sabe ler e escrever as palavras que o cercam, como: o nome do TV, de programas de TV, rótulos conhecidos, e escreve mesmo sem regras, seja letras soltas ou rabiscos como chamamos, portanto, textos que têm sentidos. Uma criança que conheço quando está cansada e não quer fazer a vogal "A" , diz que fará floresta, e a floresta são linhas contínuas como eletrocardiograma, neste

caso ela sabe escrever floresta e por que não ? Os sobes e desces da linha tem um referencial de idéia voltado para as árvores que podem ser baixas ou altas delimitando assim o "tema" do que escreve.

No primeiro momento em que se pede uma produção, o aluno diz que não sabe escrever e assim como um estalo de dedos ele fala sobre o que conhece, escreve palavras como ele as pronuncia e quando conclui percebo que há o medo de ouvir que tudo está errado.

Em uma situação que para a gramática não existe palavras e sim letras soltas e confusas, para o aluno que tem oportunidade de ler o que quis dizer, desencadeia o processo de intenção do mesmo e nos mostra que nesta situação há sentido/mensagem reflexo da sua história.

ANÁLISE DOS DADOS

" ... Produção textual vem a ser situação em que o sujeito – autor realiza a contextualização de idéias e argumentos que se inter-relacionam, num arranjo pessoal apresentando organização e coerência, com o objetivo de produzir um texto que revela seu posicionamento" (Indursky)[29]

A contextualização envolve o meio social , cultural e natural, ou seja, a história do sujeito. O sujeito produz um texto baseando-se na sua história, na sua ideologia, pois ele é afetado pelas condições em que vive, constituindo-se assim um sujeito. Podemos notar que os sujeitos/alunos dos textos 1, 2, 3 e 4 se inscrevem ideologicamente no discurso institucional da família quando apresenta as palavras "pai, mãe e vovó" , já que "O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe em si mesma ... mas é determinado pelas posições ideológicas postas em jogo no processo social-histórico em que as palavras, expressões e preposições são produzidas ..." (Pêcheux, 1975) [30]

No texto 1 , o sujeito/aluno expressa suas idéias, seus conceitos e pensamentos de acordo com a sua contextualização, e esta implica o seu pai como chefe de família que tem como obrigação trabalhar para o sustento da

29 – **INDURSKY,** Freda & Zinn, Maria Alice. Leitura como suporte para a produção textual. In: Leitura : Teoria e Prática. Campinas, 2 (2) : 22 – 36, dez. s/d . p. 26

30 – **ap. ORLANDI,** Eni Pulcinelli . Discurso e Leitura. 3 . Ed. SP : Cortez, Campinas, Editora da UNICAMP, 1996 p. 108.

família, o seu trabalho gera o cansaço, pois é intenso, o sujeito/aluno expressa isso através da sua fala "ELE TRABALA MUITO" , talvez este pai nem lhe dê a atenção, o carinho de pai que o filho merece receber do tão considerado "grande pai".

Tem um dizer que o trabalho dignifica o homem, é claro que este dizer vem trazendo um sentido implícito que cabe a cada um refletir sobre o mesmo, porém o dinheiro é resultado deste "trabalho" e sem o dinheiro como podemos comer, beber e vestir ? , e nenhuma criança quer ficar sem comer, beber ou vestir, por isto o sujeito/leitor conclui que "CODO ELE GAIA DINERO MEU PAI É BONZIHO", porque sabe que terá o que comer, beber, vestir e ainda a oportunidade de "estudar" .

Notamos também que a criança não tem uma vida de luxos e não foge da realidade que vive quando produz o seu texto, ele escreve algumas palavras da mesma maneira que se fala "PRA GAIAR DIERO" mas não deixa de escrever o que quer. O desenho referente ao texto mostra a necessidade que possui de ter dinheiro para comprar o que gosta "BOMBOM" mas só compra quando lhe dão o dinheiro .

No texto 2, o sujeito/aluno tem um referencial de idéias voltado para a realidade que vive, o brincar na chuva nos enche de energia, de alegria, seu texto transborda alegria até o momento que menciona o resultado de brincar na chuva, provavelmente seus pais falam que quem brincar na chuva, fica doente e com febre, na cama. Mas voltemos as possibilidades de seus pais, a criança diz que chorava todo dia e que gostava da mamãe, quem não conhece o contexto social deste sujeito/aluno não imagina a

relação que tem o texto com a sua vida cotidiana, ou seja, com sua realidade.

Examinaremos "ELA XARAVA TODO DIA ELA GOSTA VA MAMÃE" é claro que o que quer dizer é que a criança chorava todo dia e que ela gostava da mamãe, no entanto o sujeito/aluno deste texto tem seus pais separados e a mãe morava com um homem, mas este foi embora e a mãe da criança também foi, então a criança ficou com a avó. A criança gosta muito da avó, mas chora de saudades da mãe, portanto, não deixa a avó para ficar definitivamente com a mãe, por isto se explica a separação da palavra "GOSTA VA" , pois o sentimento que tinha pela mãe hoje é diferente.

Na construção do seu texto o sujeito/aluno organizou e se posicionou de forma que houve coerência mesmo sem o uso correto dos elementos coesivos, pois "... a produção textual vem a ser a situação em que o sujeito-autor realiza a contextualização de idéias e argumentos que se inter-relacionam, num arranjo pessoal, apresentando organização e coerência, com o objetivo de produzir um texto que revele seu posicionamento." (Indursky) [31]

É muito importante que o sujeito/aluno não se sinta constrangido ou inibido no momento da sua produção textual.

Atentaremos agora como o sujeito/aluno no texto 3, se focalizou para

31 – **INDURSKY,** Freda & Zinn, Maria Alice. Leitura como suporte para a produção textual. In. : Leitura Teoria e Prática. Campinas, 2 (2) : 22 – 36, dez. s/d .p. 26

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

informar o que havia acontecido com seu avô. Isso acontece porque "A focalização tem relação direta com a questão de conhecimento de mundo e de conhecimento partilhado." (Koch, 1997) [32]

Era primeiro de outubro e comentamos sobre a importância de respeitarmos, amarmos e ajudarmos aos idosos , falamos que os idosos mais próximos são nossos avôs e avós e logo após começou a produção textual sobre "o vovô e a vovó".

Então podemos notar que o sujeito aluno ocasionalmente esqueceu de sua avó, apesar de escrever "VOVÓ" quando se refere ao vovô, portanto, quando ele focaliza-se para o vovô, ele tem a intenção de informar que seu avô faleceu, e menciona como isto ocorreu. Ressalta também que o avô tentou viver e morreu triste, retratando através do desenho a tristeza de perder alguém querido, pois ele gostava de seu avô "EUGOSTO DO MEUVOVÓ".

O sujeito/aluno realizou a contextualização do seu texto sem ter considerações especiais com a coesão, da mesma forma que no texto 4. Em que o sujeito/aluno fala das experiências de sua vida em que brinca na rua, dos avisos da mãe de que quem brincar na rua corre perigo, portanto o sujeito aluno expressa o cuidado, o amor que a mãe tem pelo filho. Revelando assim que a proteção da mãe é boa , pois procura livrar o filho da

32 – **KOCH,** Ingedore Villaça e Travalgia, Luiz Carlos . A Coerência Textual. 8. Ed. – SP : Contexto, 1997 (Repensando a Língua Portuguesa) pp. 72 e 73

violência em que o mundo se encontra .

Muitos textos possibilitam compreensão a partir da maneira expontânea da criança se expressar, vejamos:

A situação do texto 5, o sujeito/aluno tinha uma intenção de informar o seu sentimento pela professora, assim como no texto 6, e ambos usaram de seus recursos imaginários da natureza infantil para expressar o mesmo sentimento. No primeiro, o sujeito/aluno utiliza de seu conhecimento lingüístico para alcançar o seu propósito , usando de inferências para ligar suas orações como: " TEAMO E ATÓRO VOCÊ" , " EU GOTO DE VOCÊ MUITO DE VOCÊ" , permitindo que seu texto fique mais coerente.

Mas aos olhos da gramática, da norma culta o texto não seria tão belo quanto aos olhos do sujeito/aluno. Este comentário também refere-se ao texto 6.

Portanto, quero ressaltar a problemática em que o sujeito/aluno do texto 6 vive. O mesmo não recebe carinho em casa e apegou-se a professora, portanto lê e escreve bem com a professora ao lado, e ao produzir este texto , creio que deve ter se esforçado muito para alcançar os objetivos almejados nesta produção, desenvolvendo individualmente como autor/sujeito/aluno. A dimensão deste crescimento é indiscutível, mas este é um texto sem coesão e coerência para quem o lê, porém para quem o produziu o seu sentido é de extremo valor .

Assim podemos declarar que, "textos produzidos por alunos que muitas vezes são avaliados como incoerentes pelo professor, mas que, se

apresentados como escritos por um autor famoso, ganhariam as mais variadas interpretações. Isto é importante para a constatação de que a coerência não está apenas no texto nem só nos usuários, mas no processo que coloca texto e usuário em relação numa situação". (Koch, 1997) [33]

É possível acatar a produção textual do sujeito/aluno sem cobrar as regras da escrita formal, levando em consideração seu hábito de produzir e a sua leitura de mundo.

Nos textos 7 e 8, vimos uma coisa que já foi mencionada e que merece atenção especial que é a escrita igual a fala, que reflete a formação discursiva do meio em que vive, ou seja, a fala do pai, da mãe, etc. Nestes casos o sujeito/aluno produz posicionando-se no seu conhecimento lingüístico, conhecimento de mundo e no conhecimento partilhado.

Os textos 7 e 9, tem boa organização e relevância. Pois, o tema tem consistência, firmeza e seqüência nos enunciados, sendo interpretados como um todo.

A intextualidade presente no texto 9 é determinante para a compreensão do texto, ao lermos este texto sabemos que o sujeito/aluno tem o conhecimento da Bíblia, ou seja, dos "anjos" e de "Jesus", isto é um discurso religioso. O contexto social influenciou muito, me recordo que na primeira semana de aula este sujeito/aluno perguntou onde era a biblioteca, pois é um aluno que tem o hábito de ler e tem grande familiarização com produção de texto.

33 – **KOCH** , Ingedore Villaça e Travaglia, Luiz Carlos . Texto e Coerência – 5. Ed . – SP : Cortez, 1997 p. 40

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Apesar de nossa sociedade ser cheia de injustiças e desigualdades a estrutura familiar deste sujeito/aluno é sólida e consegue passar afeto aos membros da família .

Neste texto 10, em que foi estipulado as condições de produção com desenho, notamos que o sujeito/aluno descreve os fatos na seqüência correta. Vale lembrar que esta é uma das primeiras produções do referido aluno e podemos perceber a transcrição da fala em : "TAVA, VAUTA, XOMOU, XEROSA, LIPO e TOMA". Observa-se ainda que o sujeito/aluno conhece as práticas higiênicas. A ideologia do sujeito/aluno é refletida nos sentidos que procura transmitir através de seus textos.

Já que não somos donos dos nossos dizeres, podemos afirmar que estes textos aqui apresentados e examinados são influenciados diretamente pelas formações discursivas que cercam os autores. Portanto, um texto é um instrumento que transforma os processos histórico-sociais.

CONCLUSÃO

Entendi ao término deste trabalho que a liberdade que se dá ao aluno de produzir a sua história através de textos nos faz crescer mais dentro da análise dos sentidos explícitos e implícitos dos textos destes seres tão pequeninos para muitos e de grande valor para poucos.

Ao percebermos uma intenção, de esforço de conhecer mais o que está a volta deles nos faz refletir sobre o que aprendemos até aqui .

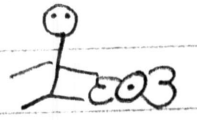
O conhecimento de mundo da criança é tudo o que ela tem para nos mostrar através de frases e rabiscos, mas ao mesmo tempo com grandes sentidos, pois insere neles seu problema social, econômico e político em que vive.

Concluí que atrás dos textos de "fantasia infantil" há uma história com valores e conceitos ideológicos que estão embutidos e armazenados intencionalmente e quando transcritos ao medo de ouvir que tudo está errado. Só que para ele tem sentido, e ao parabenizá-lo o sorriso que surge compensa muito além do que podemos imaginar, e assim o aluno cresce muito mais. Portanto, devemos corrigi-lo no momento certo, sem constrangê-lo, a fim de que possam se desinibir tanto na escrita como no ato de mostrar, afinal só sabemos que falamos "errado" quando alguém que nos ouve , nos corrige; assim como só sabemos que escrevemos "errado" quando proporcionamos a outros ler os nossos escritos e o fazem no sentido de detectar "erros" possibilitando através da correção o crescimento como sujeito daquilo que escreveu, ou seja, a sua história de vida.

ANEXOS

TEXTO 1

MEU PAI TRABALA NA
RRADIO ELE TRABALA
MUITO PRAGAIAR DIERO
CODO ELEGAIA DINERO
MEU PAI É BONZITHO



PEDRO HENRIQUE

TEXTO 2

Gristiane

UMA CRIANÇA

é ela uma manena

tava brincano na

rua ela ficou com

sente ela ficou de sente

na cama com febre

ela Karava todo dia

ela gosta vá mamãe

TEXTO 3



1º de outubero de 1999
vovô e avovó
eugosto domeuvovó
umeuvovó moreu
~~demutatá~~ de coiza
mudialede mupulo
Quielemuguentou
lezatar
ielepicoutrixti

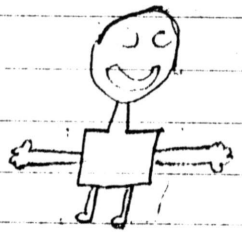
Nagner

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

TEXTO 4

JEFFERSON

UMA CRIANÇA



O menino está na brincadeira
é depois refrescado é ficado até
na padaria brincando até passar a
hora do médico falar que isso pódio fica deitado

TEXTO 5

Porfessora e eu teomo
e atora você eu gosto de
você muito de você Porfessora

ass: Rafa micaelle

TEXTO 6

AEREOBOSINIZU
GHRRPQTSUZ
RTDCOMÃOSZRSREBO
oBoBoCATATA

ADRIANA

leitura do aluno

Professora eu gosto de você

TEXTO 7

querida
titia Eu tiomna
muinto
titia voce
é uma
boa porfesora
acihora
tarbalha
muinto
para
nusinciva

TEXTO 8



anatura az é aflóre
de fica nacaqua
e fala e ri
e fala a si
e aflor fica macbado
e o saiu a natureza

Leitura do aluno

a natureza ei a flore
de fica na agua
e fala e ri
e fala assim
e a flor fica morado
e o saiu a natureza

BIBLIOGRAFIA

1 - **BRITO,** Percival. A Redação Cadela - In. : Leitura: Teoria e Prática. Campinas, 9 (15) : 17 - 21, Jun. /1990.

2 - **COSTA,** Rita de Cássia Maia e Silva. A Leitura na Sala de Aula: o Velho e o Novo em Conflito. In.:Leitura: Teoria e Prática. Campinas, 12 (22) 1993.

3 - **GALLO,** Solange Leda. Discurso da Escrita e Ensino. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 1992.

4 - **GUIMARÃES,** Eduardo. Os Limites dos Sentidos. Ed. Pontes. Campinas, SP, 1995.

5 - **INDURSKY,** Freda & Zinn, Maria Alice. Leitura como suporte para a produção textual. In : Leitura: Teoria e Prática. Campinas, 2 (2) : 22 - 36, Dez. s/d.

6 - **KOCH,** Ingedore Villaça. O Texto e a Construção dos Sentidos. 2. Ed. , SP : Contexto, 1998. - (Caminhos da Lingüística)

7 - _____ Travaglia, Luiz Carlos. Texto e Coerência. - 5. Ed. - SP : Cortez . 1997.

8 - _____ . A Coerência Textual . 8 . Ed. - SP : Contexto, 1997. - (Repensando a Língua Portuguesa)

9 - **MICHEL,** Pêcheux. Semântica e Discurso : Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi (et al.) - 2. Ed. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1995.

10 - **ORLANDI,** Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura. 3. Ed. SP : Cortez,

Campinas, Editora da UNICAMP, 1996.

11 - _____ Interpretação, Autoria, Leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ : Vozes, 1996.

12 - _____ A Linguagem e seu Funcionamento : as formas do discurso. 2 . Ed. Ver. e awm. Campinas, SP, Pontes, 1987.

13 – **SABINSON,** M. Laura T. Mayrink. A Produção Escrita da Criança e sua Avaliação. In. : Leitura : Teoria e Prática. Campinas, 12 (22) : 26-40, Dez. / 1993.